

O INFERNO É O EU¹

“Pensando bem: quem não é um acaso na vida?”

Clarice Lispector²

“E quero capturar o presente que pela sua própria natureza me é interdito: o presente me foge, a atualidade me escapa, a atualidade sou eu sempre no já.”

Clarice Lispector³

O ser humano é lançado no mundo e insiste em ver um sentido naquilo que é fruto de um mero acaso. Para Sartre, a existência precede a essência, isto é, “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define”⁴. O ser que é colocado no mundo é um projeto de ser, um ser em construção, um ser que vai elaborar passo-a-passo, a cada ação, a cada escolha que fizer, seus valores, suas crenças, suas aspirações, seus desejos, *seu sentido*, sua essência. Esse projetar-se no mundo é o “ensaio de nós mesmos”, é o caminho que trilhamos, é a realidade que criamos, é a condição de possibilidade de apostar em si mesmo e fazer as escolhas que lhe são próprias, é a ação personificada do EU abstrato da modernidade. Toda a realidade sartriana é exterior à consciência, a realidade é o mundo, o mundo é o ser-em-si. “O homem é um projeto que se vive subjetivamente”⁵, o homem é livre para ser o sujeito de todas as suas experiências e responsável não só por si mesmo, sem ter a quem culpar pelas escolhas que faz, mas também responsável por todos os homens. Qualquer desculpa que ele utilize para seus atos é pura má-fé no entender de Sartre.

“Quando dizemos que o homem se escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós escolhe a si próprio; mas com isso queremos também dizer que, ao escolher a si próprio, ele escolhe todos os homens.

¹ Texto escrito como trabalho final de disciplina no segundo semestre de 2009 do curso de Filosofia da UFRJ. Revisado com pequenas modificações em outubro de 2010.

² LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. RJ: Francisco Alves, 1995, 23ª. ed., p - 52

³ LISPECTOR, Clarice. Água viva. RJ: Rocco, 1998, p - 9

⁴ SARTRE, J-P. O existencialismo é um humanismo. SP: Abril cultural, 1978, coleção Os pensadores, p -

6

⁵ ibidem

Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser.”⁶

O que nos torna responsáveis não só por sermos quem ou como somos, mas também por essa imagem de homem que criamos enquanto existimos.

“Eu me busco a mim mesmo.”

Heráclito, frag. 101

Aprendamos com Zarathustra e busquemos “as origens”: “qual a origem de meus atos?”, “o que me leva a pensar desta ou daquela forma?”, “quais objetivos pretendo realizar?”, “que interesses me movem?”, “como se deve viver?”, “o que fazer para ser feliz?”. É dentro de nós que as respostas estão e apenas a nós cabe buscá-las. O método é investigar-se, observar-se, “duvidar” do que sente, do que pensa, do que imagina, “suspender o julgamento” a respeito de algo até a obtenção de uma resposta interior. “*Que sais-je?*” Acreditamos saber tantas coisas, temos tantas certezas, até o momento em que descobrimos que a ignorância é a nossa maior companheira e que todas as nossas certezas se esvaneceram e se transformaram em nada, esse “nada *determinado* e que possui *conteúdo*”⁷ para Hegel, tendo em vista que não devemos nos esquecer que nossas certezas anteriores formam o alicerce de nossas certezas futuras, que não devemos recusá-las e sim integrá-las às novas e deixar seguir adiante o processo dialético de nossa consciência que, ao se pôr à prova, ao se confrontar com as contradições do mundo, se frustra em suas certezas, porém, conserva a frustração que sofre, assimila-a e eleva-se a um novo patamar de realidade e de compreensão em busca de outras certezas. Afinal, certeza não é saber e apenas o movimento dialético nos torna capazes de compreender o todo. Assim então, Heráclito vem ao nosso encontro e nos diz que “se não se espera, não se encontra o inesperado”⁸, que nos resta apenas o acolhimento de nós mesmos; a aceitação de nossas imperfeições; a consciência de que mistérios não são desvendados; a aprendizagem de que muitas perguntas permanecerão irrespondíveis; a sabedoria de que o pensamento que fornece todas as respostas não é

⁶ ibidem, pp – 6-7

⁷ HEGEL, G. W. F. A fenomenologia do espírito. SP: Abril cultural, 1980, 2ª. ed, p – 45 (§ 79)

⁸ HERÁCLITO. frag. 18

salutar; a necessidade de desenvolver o espírito crítico e não aceitar a cegueira voluntária.

“[...] o primeiro passo em relação ao outro é achar em si mesmo o homem de todos os homens. Toda mulher é a mulher de todas as mulheres, todo homem é o homem de todos os homens, e cada um deles poderia se apresentar onde quer que se julgue o homem.”

Clarice Lispector⁹

O inferno é o eu em sua cegueira habitual que o aprisiona e o impede de enxergar o Bem, o verdadeiro bem que reside na felicidade de realizar as suas potencialidades e viver em função dos valores que se impõe não de fora para dentro, herdados do Outro, mas forjados em seu interior, para criar a criatura que pode ser, para crescer, amadurecer e se inserir nas relações com prazer – relações com a vida, com o outro, com a *phýsis*, com ele mesmo. Relações de amor e essencialmente éticas, deve-se frisar. Afinal, seguindo Levinas, a Ética é a filosofia primeira, aquela que o ser em suas relações esquece que se inicia dentro dele e não o que geralmente se observa, que o ser espera, reclama, deseja, que o outro tenha e simplesmente não dirige o olhar a si mesmo para confirmar se suas ações são éticas ou não. Sabemos o quão impossível é saber o que o Outro pensa e sente, o quão estranho é o Outro, mesmo o mais íntimo, o quão difícil é demarcar a distância que implica respeito, dado que o Outro sempre invade o território, o Outro sempre perturba a ordem. Urge observar que *o Eu é o Outro para o Outro e o incomoda*, gravitamos Um ao redor do Outro e somos instados a redefinir os espaços, a delimitar as fronteiras para que os atritos sejam reduzidos. Tarefa difícil, porém, necessária.

“Um ser não pensa e não se mexe e no entanto está todo ali.”

Clarice Lispector¹⁰

⁹ LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo GH*. RJ: Nova Fronteira, 1986, 10ª. Ed., p - 170

¹⁰ LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Nova Fronteira, 1982, 6ª. Ed., p - 19

O inferno é o eu que se acomoda, que vive em função de conceitos arraigados que impedem a experiência de pensamento, o não-aproveitamento das oportunidades de descobrir quem realmente é, o não-uso da liberdade para escolher entre a vida ingênua ou medíocre que vive e a plena realização de suas possibilidades. É necessário “*destruir totalmente seu modo de ser antigo*”¹¹, articular no presente o futuro e tornar possível a mudança. Decisão essa que engendrará ações a serem colocadas em prática e nos libertará da aporia de não saber o que fazer. Decisão essa que há de ser uma imposição que vem das entranhas. Decisão essa que se inicia como “*uma coisa vaga que quer perguntar, perguntar e perguntar – até que pouco a pouco o mundo vai se formando em resposta*”¹². Sem medo de errar, sem impaciência, sem desejar resultados imediatos, sem pretender o impossível e sem esperar atingir os objetivos sem as dificuldades da travessia. Consciência é intencionalidade para Husserl – consciência de algo –, consciência da necessidade de promover mudanças, consciência da liberdade e da responsabilidade de seu ser-si-mesmo, consciência da angústia sartriana de decidir o que é bom para si e para o Outro. “*Para onde ir?*” “*O que fazer?*” “*O que escolher?*” O que devemos questionar? Haverá uma resposta objetiva? Ou esse é o problema e o que deve ser questionado?

“A verdade vem antes do homem.”

Platão, República, livro X

O inferno é o eu. Não importa se através da cegueira ou da acomodação, não importa se consciente ou não. Como seres humanos que somos nossa tarefa ao nascer é a tarefa de toda a vida, tarefa de identificar e realizar as potencialidades existentes em nós, tarefa que caminha ao lado do conhecimento de nós mesmos e que Píndaro já ensinava: “*Torna-te o que já és aprendendo com as experiências da tua vida*”. Um caminho possível para o conhecimento de si é o pensamento; pensamento que, observamos nós, se desviou de seu caminho, de seu elemento quando o ser dele foge se ocupando *tout le temps*: trabalha-se demais, ama-se demais, come-se demais, fala-se

¹¹ ibidem, p - 130

¹² ibidem, p - 131

demais, exercita-se demais, faz-se sexo demais, consome-se demais. Fuga e dispersão. Necessidades exteriores com que se intenta preencher o vazio interior, objetos de plenificação, objetos de vivificação que não cumprem sua função e nos deixam como antes: incapazes do verdadeiro contato que jamais é alcançado em sua plenitude – nós mesmos. A saída que encontramos é a fuga de nós mesmos, a fuga do Outro que nos incomoda, a fuga do silêncio que nos angustia, a fuga do tédio porque ainda não aprendemos a olhar a vida com outro olhar. Não acreditamos haver saída efetiva pois ainda não vislumbramos a transformação que o conhecimento enseja. Urge educar o indivíduo para o saber, para a formação de sua substância mais concreta, afinal o objetivo é transbordá-lo de conhecimento, a meta é “*fazer dele uma substância pensada e pensante*” como nos diz Hegel no prefácio da Fenomenologia do espírito¹³.

“E nós sempre disfarçávamos o que sabíamos:
que viver é sempre questão de vida e morte, daí a
solenidade.”

Clarice Lispector¹⁴

O inferno é o eu que não quer enxergar a miséria do humano e propõe soluções para resgatá-lo, salvá-lo de si mesmo. Haverá saída para a angústia heideggeriana? A angústia que concerne ao ser e que dele se apossa apesar de todas as tentativas de fuga. A angústia que surge quando temos consciência da morte, quando nos lembramos de que somos finitos e que havemos de encarar face-a-face o nada que nos espera. Deixamos a vida seguir seu fluxo sem pensar no destino irrevogável sem data marcada para ocorrer que interromperá a existência em algum estágio, queira o indivíduo ou não, quer aceite a idéia ou não, quer esteja pronto ou não, quer haja projetos inacabados ou não. Vivemos em total alienamento dessa condição que nos é imposta, como se fôssemos imortais, ocupamo-nos todo o tempo em nossa cotidianidade e não nos recordamos desse saber absolutamente certo e inexorável. Viver, apenas viver: brincar, estudar, se alimentar, crescer, trabalhar, cuidar dos bens, amar, casar, ter filhos; a existência se condicionando por fatores externos: ocupações de toda natureza. E o

¹³ HYPOLITE, J. Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel. SP: Discurso editorial, 1999 p- 73-74 nota 13

¹⁴ LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. RJ: Nova Fronteira, 1986, 10ª. Ed., p - 112

tempo, implacavelmente, seguindo seu curso. Os versos de Walt Whitman nos lembram a certeza de que: “*Nem um dia se passa ... nem um minuto ou segundo sem um parto; Nem um dia se passa ... nem um minuto ou segundo sem um morto.*”¹⁵

A angústia, porém, de nós se apossa e como pano de fundo existe a sensação de não saber quem ou por que se é, de não haver tempo; o papel da angústia é nos reconduzir a nós mesmos, devemos pôr-nos a nós mesmos em questão; somos instados a elaborar e elaborar e elaborar dentro de nós, somos instados a refletir e aceitar que o ser finito nos concerne apesar da morte ser sempre prematura a nossos olhos. Acredita-se que apenas a filosofia e a arte sejam os instrumentos efetivos. No entanto, que pensar quando o filósofo e o artista sucumbem?

“Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos.”

Clarice Lispector¹⁶

O inferno é o eu que decide permanecer na solidão da “caverna” em vez de sair em busca do sol e aprender a distinguir as sombras das verdadeiras figuras que o rodeiam, a reconhecer as ilusões que forjou, a observar as verdades do Outro que acredita serem suas. É preciso demolir alicerces e construir novos edifícios que sustentem o *novo homem*: aquele que bebe o conhecimento como o vinho que traz saúde, aquele que pensa. É preciso dinamitar fundamentos e reescrever a tábua de valores: que valores são esses? Os valores éticos, os deveres que contraímos em nome do *lógos* que nos é comum, os “imperativos categóricos” kantianos que nos fazem adotar máximas que possam ser universalizadas e agir em função dessas máximas. É dever do homem realizar o supremo Bem. É o que a verdadeira *paidéia*, a filosofia, torna possível ao modelar dentro do homem o verdadeiro Homem, aquele que inscreve a verdade na alma, aquele que ama o Bem, o Belo e o Justo, aquele que obedece aos ditames da razão porque aspira a um mundo bom e perfeito que se inicia nele, na sua relação consigo mesmo, com o outro, com o universo. O estranhamento e o tremor são companheiros de viagem quando nos desviamos do terreno movediço de nossas certezas e adentramos na

¹⁵ WHITMAN, W. Folhas de Relva [Pensar no tempo]. SP: Iluminuras, 2006, pág. 149.

¹⁶ LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. RJ: Nova Fronteira, 1986, 10ª. Ed., p - 172

morada do ser através da linguagem e do pensamento. “*O pensar consoma a relação do ser com a essência do homem. [...] no pensar, o ser tem acesso à linguagem*”¹⁷. Só então acolhemos a riqueza da poesia e compreendemos: quando o homem compreende torna-se livre. “*O pensar é l’engagement através e em favor da verdade do ser. A história do ser nunca é passada, ela sempre está na iminência de vir. A história do ser sustenta e determina cada condition e situation humaine.*”¹⁸. O pensamento é um dever que havemos de contrair, que está totalmente em nosso poder e que nos deve motivar a agir. Havemos apenas de experimentar a essência do pensar e realizá-la para que se torne possível ou, em outras palavras, “*fazer triunfar o Homem dentro do homem*”.¹⁹ Fazer triunfar o espírito do **nós** – o universal concreto para Hegel: um povo, o Estado, a cultura, a Humanidade.

“[...] embaixo do nada e do nada
e do nada, estamos nós [...]”
Clarice Lispector²⁰

O inferno é o eu em sua incapacidade de aceitar e suportar a finitude. Culpa o deus e não percebe que esse deus não existe, afinal ele foi morto pelo próprio homem que deseja ser deus e criou a técnica para prolongar a vida até dos que sofrem, para causar danos à natureza por se imaginar mais digno que as pedras, que os animais. O homem moderno matou deus para se libertar e a partir de então o fundamento da verdade foi desviado: o homem tem de construir a sua verdade e não permanecer à espera dos *benefícios do outro mundo*. A criatura não tem criador. Resta agora engendrar a nova humanidade, conceber *o novo homem*: aquele que não dorme, aquele que despertou transformado, aquele que renasceu consciente de que não tem a quem culpar pelos erros e escolhas que faz, aquele que não tem deus e que apenas tem a dolorosa liberdade de ser quem é, aquele que não tem outro mundo por ansiar e que sabe que este é o *único mundo* que existe e esta é a *única vida* que vive. Dolorosa liberdade. Vida sem ilusão: nascer e morrer. É só o que temos: criador e criatura de nós

¹⁷ HEIDEGGER, M. Sobre o humanismo. SP: Abril cultural, 1979, p - 149

¹⁸ ibidem

¹⁹ JAEGER, W. Paidéia. SP: Martins Fontes, 2003, 4ª. Ed., 2ª. Tiragem, p - 746

²⁰ LISPECTOR, Clarice. A maçã no escuro. RJ: Nova fronteira, 1982, 6ª. Ed., p - 147

mesmos; e é preciso amar o que temos, não de forma resignada e submissa, aceitando tudo que advém e sim aprendendo a enxergar o Belo, o Bem e o Justo, proceder sempre com o intuito de embelezar a vida, fazer o bem a todos e não cometer injustiças. Afinal *“a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, porque ela envolve toda a humanidade”* ²¹.

²¹ SARTRE, J.-P. O existencialismo é um humanismo. SP: Abril cultural, 1978, p - 7

Bibliografia:

- HEGEL, G. W. F. A fenomenologia do espírito, coleção Os Pensadores. SP: Abril Cultural, 1980, 2ª. Edição.
- HEIDEGGER, M. Sobre o humanismo, Coleção Os pensadores. SP: Abril Cultural, 1979.
- HIPPOLYTE, J. Gênese e estrutura da fenomenologia do espírito de Hegel. SP: Discurso Editorial, 1999.
- JAEGER, W. Paidéia. SP: Martins Fontes, 2003, 4ª. Ed., 2ª. Tiragem
- LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. RJ: Francisco Alves, 1995, 23ª. Edição.
- LISPECTOR, Clarice. Água viva. RJ: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. A maçã no escuro. RJ: Nova fronteira, 1982, 6ª. Edição.
- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. RJ: Nova Fronteira, 1986, 10ª. Edição.
- NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra, Coleção Os pensadores. SP: Abril Cultural, 1978.
- SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo, Coleção Os pensadores. SP: Abril Cultural, 1978.
- WHITMAN, W. Folhas de Relva [Pensar no tempo]. SP: Iluminuras, 2006